

# **O PERFIL DOS ESPECIALISTAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E ECONOMIA SOLIDÁRIA DO SEMIÁRIDO PARAIBANO: BUSCA E DIVERSIDADE**

**Crislene Rodrigues da Silva Morais, UFCG, crislenemorais@yahoo.com.br**  
**Alderiza Veras de Albuquerque, UFCG, alderiza.veras@hotmail.com**  
**Sérgio Ricardo Alves Morais, UFCG, sergioricardo45@yahoo.com.br**

## **Resumo**

A Economia Solidária vem ganhando espaço pela característica inovadora de geração de trabalho e renda, tendo como principal foco a inclusão social. Compreende um conjunto de atividades econômicas – produção, distribuição, consumo, poupança e crédito – organizadas de forma autogestionária. As experiências em Economia Solidária no Brasil demandam aprendizagens específicas que requerem a alfabetização dos trabalhadores empreendedores, tornando-se necessária a aquisição de certas competências e habilidades. Tendo em vista a necessidade de difundir esta temática na Educação de Jovens e Adultos, foi criado na Universidade Federal de Campina Grande, um curso de especialização que visa ampliar a compreensão dos educadores sobre as possibilidades de novas formas de inserção dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos ao mundo do trabalho. O Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano está sendo realizado nos 07 (sete) Campi da UFCG, proporcionando aos profissionais envolvidos a possibilidade de um ambiente de reflexão acerca de suas práticas como educadores ou gestores. Sabendo desta importância, o presente trabalho buscou construir o perfil sociocultural destes profissionais, com o objetivo de perceber seu interesse e expectativas sobre esta inovadora proposta.

**Palavras-chave: Formação, EJA, Economia solidária, Perfil sociocultural, Difusão de conhecimentos.**

## **Abstract**

Solidarity Economy is winning space for innovator characteristic of work and income generation, having as main focus social inclusion. It understands a group of economical activities - production, distribution, consumption, saving and credit - organized of self-managing form. Experiences in Solidarity Economy in Brazil demand specific learnings that request enterprising workers' literacy, becoming necessary acquisition of certain competences and abilities. In view of need to diffuse this thematic in Youths and Adults Education, it was created in Federal University of Campina Grande, a specialization course that seeks to enlarge the educators' understanding on the possibilities of new ways of insert Youths and Adults Education subject in the work world. Specialization Course in Youths and Adults Education with Emphasis in Solidarity Economy in Paraiba's semi-arid is being accomplished in 07 (seven) Campus of UFCG, providing to involved professionals the possibility of a reflection atmosphere concerning their practices as educators or managers. Knowing about this importance, the present work looked to build these professionals' sociocultural profile, with the objective of noticing your interest and expectations on this innovator proposal.

**Keywords: Formation, YAE, Solidarity Economy, Sociocultural Profile, Knowledge Diffusion**

## **1. Introdução**

As experiências em Economia Solidária no Brasil demandam aprendizagens específicas que requerem a alfabetização dos trabalhadores empreendedores. Mesmo aos que já são alfabetizados, torna-se necessária a aquisição de certas competências e habilidades específicas a gestão do empreendimento. A necessidade escolarização dos aprendizes em Economia Solidária vem contribuindo para aumentar a procura destes por escolas que ofereçam uma educação contextualizada com mundo do trabalho. Nesta conjuntura a Educação de Jovens e Adultos (EJA), hoje institucionalizada no Brasil, seria uma alternativa para suprir esta demanda, desde que fosse repensada na sua prática pedagógica.

Já existem diversas experiências na América Latina de cursos de mestrado e especialização, além de Centros de Formação em Economia Solidária impulsionados pelo Governo Federal. Quanto à interface entre Economia Solidária e EJA, no Brasil, alguns cursos de especialização e extensão foram ministrados recentemente e embora ainda representem iniciativas esparsas, já acumulam algum aprendizado neste campo. No entanto, educadores interessados em Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos têm encontrado dificuldade em promover espaços sistemáticos de discussão e reflexão sobre estes temas.

Tendo em vista a necessidade de difundir a temática da Economia Solidária na Educação de Jovens e Adultos, foi criado na Universidade Federal de Campina Grande, um curso de especialização que visa ampliar a compreensão dos educadores sobre as possibilidades de novas formas de inserção dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos ao mundo do trabalho. Ressaltamos que o curso encontra-se em andamento, sendo oferecido nos 07 (sete) *Campi* da Universidade Federal de Campina Grande (Campina Grande, Cuité, Sumé, Patos, Pombal, Cajazeiras e Sousa) e compreende uma iniciativa da Incubadora Universitária de Empreendimentos Econômicos Solidários – IUEES/UFCG.

Este trabalho tem por objetivo traçar o perfil sociocultural dos 280 profissionais matriculados no referido curso e demonstrar como a diversidade nas formações acadêmicas destes, pode auxiliar na difusão dos conhecimentos envolvidos nos processos que integram a EJA e a Economia Solidária.

## **2. Fundamentação Teórica**

A Economia Solidária pressupõe tanto a organização de um novo modo de produção, como uma prática pedagógica coerente com tal modo de produção. Isto porque faz parte de um projeto de mudança social; ou melhor, visa à transformação social. Esta, por sua

vez, tem que ser pautada necessariamente em uma educação que desvele, problematize e transforme a realidade a partir de diferentes contextos de ação (HADDAD, 2011).

A Economia Solidária vem se solidificando como alternativa de desenvolvimento econômico aos modelos e padrões exploratórios do *modus operandi* da economia capitalista pelo qual nossa sociedade optou seguir. Ao mesmo tempo, não atua em um campo fora do capitalismo e do mercado formal, mas ao contrário, busca dentro da realidade existente formas alternativas de desenvolvimento econômico baseado em valores mais humanos, na busca da autonomia dos grupos que a praticam, em práticas sociais e ambientais sustentáveis (COELHO, 2006).

No Brasil, a Economia Solidária vem sendo ensinada por educadores ou incubadores, que na sua maioria são jovens e inexperientes, e que enfrentam dificuldades em manter e desenvolver empreendimentos caracterizados como tecnologicamente atrasados e insuficientemente capitalizados. A efetividade desse ensino decorre provavelmente da estreita conexão entre seus fundamentos teóricos e sua aplicação prática (SINGER, 2005).

Discorrendo sobre Paulo Freire, o autor enfatiza:

“Devemos a Paulo Freire esta formulação lapidar: ‘Ninguém ensina nada a ninguém; aprendemos juntos.’ Isso se aplica inteiramente à Economia Solidária, enquanto ato pedagógico. Docentes e discentes são igualmente inexperientes. Os primeiros possuem conhecimentos teóricos, os segundos o saber que se adquire por tentativa e erro na prática. Nessa interação, produz-se um auto-aprendizado mútuo. Somos todos autodidatas, pois não há aprendizado verdadeiro em que a curiosidade do aprendiz não tenha papel crucial” (SINGER, 2005).

É nesse contexto que se insere a Educação de Jovens e Adultos. Arruda (2005) nos apresenta a EJA além da visão insipiente de que se trata apenas de uma proposta pautada em “alfabetizar o analfabeto”, por tratar-se de pessoas com saber acumulado de décadas de vida e trabalho e que são orientadas para o trabalho e não para os estudos.

Estamos, portanto, diante do desafio de uma pedagogia transformadora, devendo esta ser construída coletivamente pelos seus próprios sujeitos, pelos atores sociais envolvidos na ação, os que estão à margem da educação, libertando-os desta realidade de exclusão a partir do momento em que participam efetivamente da construção e transformação desta realidade.

Trata-se de práticas e experiências em Economia Solidária que requerem uma pedagogia que incorpore o conceito de práxis, constituída por processos de ensino-aprendizagem pautados na ação e reflexão sobre a realidade para que esta possa ser transformada. Acerca da educação da práxis, Arruda (2005) nos ensina que esta é caracterizada por práticas conscientes da cooperação e da solidariedade no modo de ensinar e aprender “e também nas relações entre educandos, entre esses e os educadores, e entre educadores.” O autor infere, ainda, que esta é capaz de integrar o ato de conhecer e o ato de trabalhar de maneira dinâmica e complementar. Porém, não deve se restringir apenas à educação de jovens e adultos trabalhadores, devendo ser igualmente implantada no sistema escolar de crianças e adolescentes, reconcebendo a educação escolar na perspectiva da Economia Solidária.

Kruppa (2005) afirma que para montar estruturas escolares baseadas nessa outra economia é preciso, antes de tudo, aprender com ela. No entanto, isso só é possível se houver uma aproximação consistente, sistemática e mútua entre a escola e as experiências da Economia Solidária. A autora acrescenta:

“Pensar uma escola que permita uma pluralidade de saberes [...] Não se trata de perder o acúmulo do conhecimento especializado, mas exige-se uma nova ética diante desses conhecimentos, de maneira a permitir que conhecimentos/equipes multidisciplinares reconstruam com os trabalhadores uma visão da totalidade (Kruppa, 2005).

Segundo Paulo Freire (1987), o diálogo se constitui de elemento fundamental de construção do saber que transforma a realidade, é debate, discussão, problematização, construção de alternativas de mudança e esperança, correspondendo a um processo coletivo, daí porque se constitui num trabalho coletivo, cooperativo e de construção de relações entre iguais. O diálogo se opõe ao individualismo, tem valores de igualdade e solidariedade como condição existencial dos grupos sociais que buscam a autogestão.

Os princípios supracitados, ao serem incorporados pelos conceitos de práxis e diálogo próprios da pedagogia transformadora de Paulo Freire, tornam-se ferramentas teóricas e metodológicas para as experiências e práticas no campo da Economia Solidária, orientando os processos de incubação de empreendimentos econômicos solidários.

Paul Singer (2005), ao discutir os desafios pedagógicos da Economia Solidária em oposição aos princípios da economia capitalista, como o individualismo, a competição e a heterogestão, mostra o desafio de reeducar as pessoas nascidas e educadas no capitalismo, defendendo a necessidade de que esta seja uma tarefa coletiva, na qual todos sejam, ao mesmo tempo, educadores e educandos.

Culti *et al* (2011) ressaltam que além do aspecto coletivo e de transformação de realidades, o processo precisa ser conduzido de forma criativa, seja no setor rural ou urbano, considerando questões como a diversidade de situações, perfis dos trabalhadores, condições materiais, sociais e ambientais.

A Educação de adultos, ainda que nos pareça apontar apenas para o domínio do alfabeto, da grafia e da leitura, obrigatoriamente nos transporta a outra instância: aquela que vai mais além da atividade ligada à língua, mas, também às relações de ordem social, econômica, política e cultural à qual pertencemos.

Assim, uma educação que valoriza a palavra do educando e os seus saberes de vida e do trabalho como fundamentais no processo de formação integral, e trabalha com o espírito de solidariedade e cooperação, contribui para superar o vínculo da formação do trabalhador somente para o mercado globalizado, assalariado, excludente e altamente competitivo (TIRIBA, 2004).

Uma educação progressista em EJA, que valorize o humano em sua pluralidade, nos seus saberes de vida e preocupação com o coletivo do qual este educando faz parte aponta para um trabalho configurado sob a ótica da emancipação, da compreensão da educação como ato permanente, dialógico, e da valorização do sujeito como ser social. Estas bases contemplam uma opção, um entendimento de que a educação pode estar a serviço de um outro mundo possível, assim como esta é uma luta da economia solidária (VIVIAN, 2012).

Diante deste contexto, o Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com ênfase em Economia Solidária, pretende atender as demandas dos educadores e educandos da EJA, no que se refere à formação e construção de saberes teóricos e práticos, oriundos das diversidades de experiências tanto de ensino como de trabalho, visando ampliar a compreensão destes sobre as novas formas de inserção no mundo do trabalho.

### 3. Metodologia

Este trabalho tem cunho qualitativo e quantitativo, e foi realizado visando obter um perfil sociocultural dos 280 (duzentos e oitenta) profissionais que cursam a Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, a partir de análise documental, sem tratamento analítico, dos diagnósticos dos 07 (sete) Pólos da UFCG, onde o referido curso é realizado: Campina Grande, Cuité, Sumé, Patos, Pombal, Cajazeiras e Sousa, como pode ser observado na Figura 1. As informações coletadas referem-se aos seguintes dados: gênero dos alunos, faixa etária, estado civil, formação, profissão e município de origem.

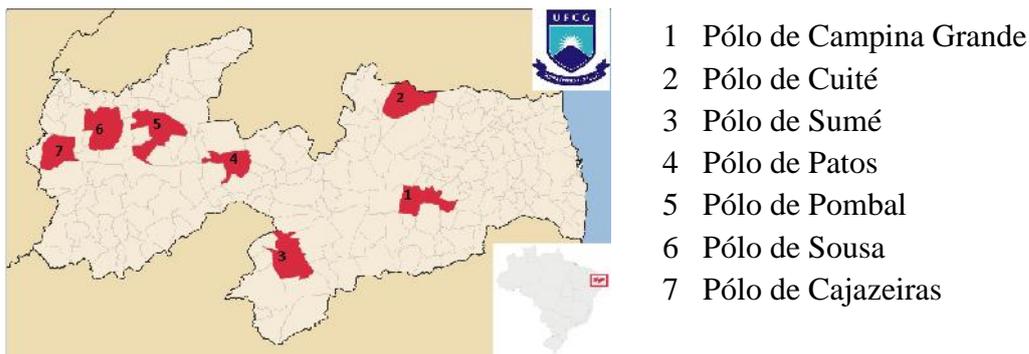


Figura 1 – Mapa do estado da Paraíba/Brasil com a localização dos Pólos da UFCG em que o Curso de Especialização está sendo realizado.

Os resultados obtidos foram analisados numa perspectiva de demonstrar como a diversidade sociocultural dos profissionais envolvidos, pode auxiliar na difusão de saberes e no processo de ensino-aprendizagem, envolvendo novas práticas capazes de integrar EJA e a Economia Solidária.

### 4. Resultados

A partir dos dados coletados por meio dos formulários de matrícula dos profissionais que cursam a Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, foi possível construir o perfil sociocultural destes profissionais, visando identificar seu interesse e expectativas sobre esta inovadora proposta.

No que se refere ao gênero dos pesquisados, observou-se que a maioria (74%) são mulheres, e apenas 26%, são do sexo masculino, o que representa o interesse do gênero feminino por atividades de ensino, além da busca constante pelo crescimento profissional proporcionado pela formação.

As Figuras 2 e 3 apresentam informações percentuais referentes às variáveis: gênero, faixa etária e estado civil, dos entrevistados.

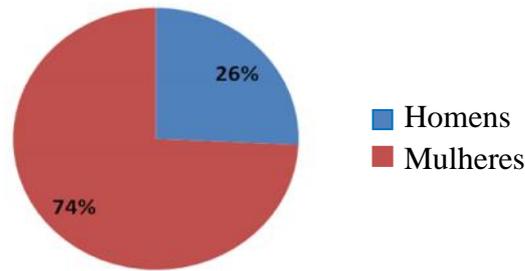


Figura 2 – Percentual dos alunos do Curso de Especialização quanto ao gênero.  
Fonte: IUEES/UFCG.

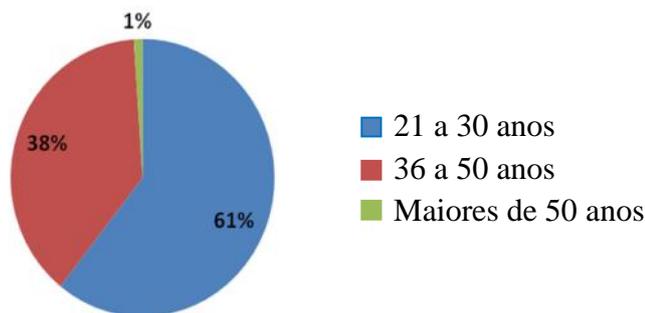


Figura 3 – Faixa etária dos alunos do Curso de Especialização.  
Fonte: IUEES/UFCG.

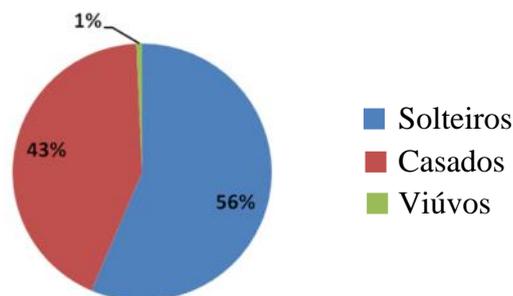


Figura 4 – Percentual dos alunos do Curso de Especialização quanto ao estado civil.  
Fonte: IUEES/UFCG.

Do total da amostra (280 alunos), 72 são homens, o que representam 26% do total de alunos, enquanto que a grande maioria (208) são mulheres, sendo responsáveis por 74% do público do Curso (Figura 1).

Com relação à faixa etária, houve predominância de alunos entre 21 a 30 anos, totalizando 61% do total de alunos (Figura 2), sendo que a maioria é formada por pessoas solteiras, com um total de 56% (Figura 3). Avaliando estes dados, pode-se constatar que a maioria dos profissionais encontra-se em idade produtiva, o que representa grande potencial multiplicador dos saberes adquiridos e construídos ao longo do processo de formação.

As Figuras 5 e 6 apresentam a distribuição dos profissionais entrevistados por área de formação – Ciências Exatas, Ciências Biológicas e Ciências Humanas – e por curso, respectivamente.

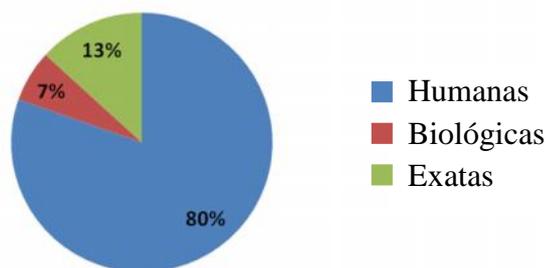


Figura 5 – Área de formação dos profissionais do curso de especialização.  
Fonte: IUEES/UFCG.

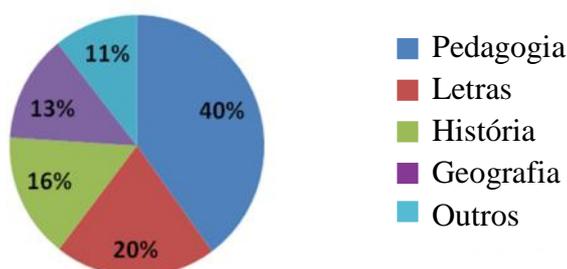


Figura 6 – Percentual dos cursos mais incidentes na área de Humanas.  
Fonte: IUEES/UFCG.

Observa-se que a área de Ciências Humanas apresentou o maior número de participantes, cerca de 80%, o que já era esperado por tratar-se de um curso intitulado Educação de Jovens e Adultos e Economia Solidária. No entanto é importante salientar que temos envolvidos neste curso de especialização, um público de 13% das Ciências Exatas, o que indica uma possível sensibilização destes profissionais de uma área que é reconhecidamente tecnológica pelas Ciências Humanas.

Considerando a formação dos profissionais pesquisados, podem-se destacar os cursos de graduação em Pedagogia, Letras, História e Geografia, nesta ordem decrescente (Figura 6), como sendo os de maior número de entrevistados. Outros cursos nesta área com menor incidência foram listados, a saber: Ciências Sociais, Filosofia, Serviço Social, Administração, Direito, Teologia, Economia, Jornalismo e Educação Artística. Dos cursos da área de Exatas, foram listados: Matemática, Ciências Contábeis, Física, Ciências Econômicas e Sistemas de Informática. Na área de Ciências Biológicas, foram listados os seguintes cursos: Biologia, Ciências, Química, Educação Física, Agronomia, Psicologia e Engenharia Florestal.

Estes dados apontam para importância da diversidade na formação destes profissionais que após cursarem esta especialização, poderão atuar na educação de adultos, agora com um novo olhar sobre seus alunos/trabalhadores, que vem não só em busca do letramento, mas da construção de novos saberes que transformem sua prática/trabalho, e os envolvam em relações de ordem social, econômica, política e cultural.

A Figura 7 apresenta as funções que esses profissionais desenvolvem atualmente. Observa-se que a maioria dos entrevistados são professores (80%). Aproximadamente 18% dos profissionais atuam em áreas diferentes da sua formação por não conseguirem

se inserir no mercado de trabalho, e para não ficar de fora deste submetem-se a realizar qualquer outra atividade, que neste caso denominamos de “desvio de função”. Apenas uma minoria encontra-se em processo de formação e/ou desempregados.

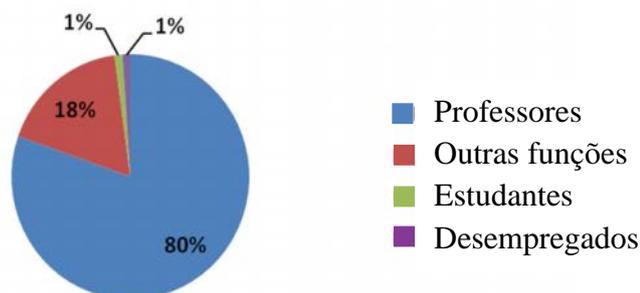


Figura 7 – Funções desenvolvidas pelos profissionais.  
Fonte: IUEES/UFCG.

A Figura 8 apresenta o percentual de alunos que residem em cidades diferentes daquelas onde os cursos são realizados.

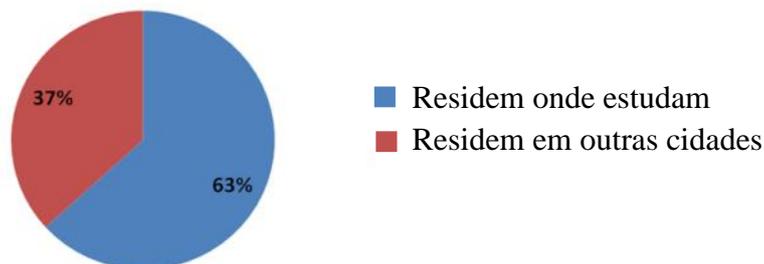


Figura 8 – Percentual dos alunos quanto ao domicílio.  
Fonte: IUEES/UFCG.

É possível observar que 63% dos alunos entrevistados residem nas cidades que sediam os cursos, o que não se caracteriza como um problema para questão da evasão. No entanto vale salientar que 37% restantes necessitam se deslocar de seus municípios, aos sábados, em busca de uma possibilidade de formação que lhes proporcione uma inserção ou melhor colocação no mercado de trabalho.

## 5. Considerações

Com base nos dados apresentados, é possível perceber a heterogeneidade dos alunos, tanto no que diz respeito à faixa etária, quanto à formação e profissão destes, o que corresponde positivamente para a difusão do conhecimento em processos que integrem a EJA e a Economia Solidária, como se espera que ocorra em diversas esferas, uma vez que, conforme discutido neste trabalho, os trabalhadores envolvidos em empreendimentos econômicos solidários precisam ter controle sobre as competências

que os cercam, tais como, planejamento e gestão, nas questões ambientais, sociais, políticas, jurídicas, tecnológicas, econômicas e contábeis.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, M. Humanizar o infra-humano: a formação do ser humano integral: homo evolutivo, práxis e Economia Solidária. Petrópolis: Vozes, 2003.

ARRUDA, M. Trabalho emancipado. In: CATTANI, Antonio D. (Org.). A outra economia. Porto Alegre: Veraz, 2003.

ARRUDA, M. Redes, educação e Economia Solidária: novas formas de pensar a Educação de Jovens e Adultos. In: KRUPPA, Sônia M. Portella. Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos. Brasília: Inep, 2005.

COELHO, J. Economia solidária e desenvolvimento sustentável: análise preliminar visando avaliar os espaços da economia solidária no RS. Grupo de Pesquisa 13: Socioeconomia Solidária e Desenvolvimento Local. XLIV Congresso da SOBER “Questões Agrárias, Educação no Campo e Desenvolvimento”. 2006.

CORRÊA, L. O. R. Economia popular, solidária e autogestão: o papel da Educação de adultos neste novo cenário (tendo como perspectiva a atuação da UFRGS). In: Economia Solidária, vol. 1, Disponível em: <[www.ufrgs.br/faced/pesquisa/niepe.../economia\\_solidaria\\_popular](http://www.ufrgs.br/faced/pesquisa/niepe.../economia_solidaria_popular)>. Acessado em: Fevereiro de 2012.

CULTI, M. N. *et al.* Incubadora universitária de empreendimentos econômicos e solidários: aspectos conceituais e a práxis do processo de incubação. Maringá: MDS/PRONINC, UEM/Núcleo/Incubadora Unitrabalho, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

HADDAD, S. A importância do investimento em educação de jovens e adultos no Brasil, Jornal Gazeta do Povo (PR): 2006. Disponível em: <[www.observatoriodaeducacao.org.br](http://www.observatoriodaeducacao.org.br)>. Acessado em: Dezembro de 2011.

KRUPPA, S. M. P. Uma outra economia pode acontecer na educação: para além da Teoria do Capital Humano. In: Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos. Brasília: Inep, 2005.

SINGER, P. Aprender Economia. 20. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SINGER, P. Introdução à Economia Solidária. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

SINGER, P. A Economia Solidária como ato pedagógico. In: KRUPPA, Sônia M. Portella. Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos. Brasília: Inep, 2005.

TIRIBA, L. Ciência econômica e saber popular: reivindicar o “popular” na economia e na educação. In: TIRIBA, L.; PICANÇO, I. (Orgs.), Trabalho e Educação: arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia popular solidária, Aparecida/SP: Idéias & Letras, 2004, p. 75-101.

VIVIAN, D. A. Educação de Jovens e Adultos e a Economia Solidária, Disponível em: <[www.foswiki.org/.../EconomiaSolidaria/Kruppa\\_Econ\\_solidaria\\_educacao\\_de\\_jovens\\_e\\_adultos](http://www.foswiki.org/.../EconomiaSolidaria/Kruppa_Econ_solidaria_educacao_de_jovens_e_adultos)>. Acessado em: Fevereiro de 2012.